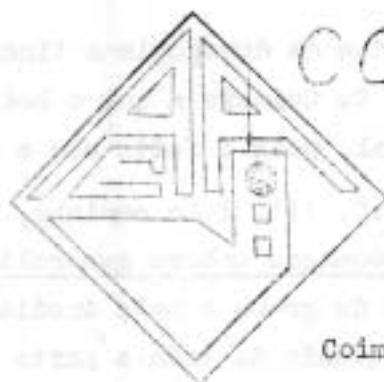


TODOS UNIDOS,

COMUNICADO

-pela imediata  
libertação dos  
colegas presos,



Nº 19

-pela imediata  
abertura da A.A.C.

Coimbra, 9 de Março de 1971

---

### I - O GOVERNO CIVIL DE COIMBRA ROMPE O SILÊNCIO

O processo repressivo em curso na Universidade de Coimbra "é um processo típico da "ordem social" estabelecida. É antecedido por ameaçadores discursos (Ministro da Defesa e Exército em 30/12/70, nota do M.E.N. de Janeiro, vagas de sugestivas intervenções de Deputados na Assembleia Nacional), por uma campanha na Imprensa, R.T.P. e Rádio, visando preparar a opinião pública, sancionar qualquer intervenção futura por parte do executivo (editoriais de "O Século" e entrevistas sensação, notas de dia do Diário de Lisboa, artigo de A. Lopes Ribeiro em "O Primeiro de Janeiro", etc., diatribes dos caciques da província na sua imprensa não diária, etc., etc.)

É espectacular na sua execução (mobiliza pelotões inteiros de polícia de choque, inunda as ruas com agentes da polícia secreta) é acompanhada de rituais manifestações de força como a presença do carro da água, os escudos de plástico transparentes, os capacetes quadrados, os bastões compridos e demais pormenores intimidativos. Faz recurso a todas as violências consignadas ou não na Constituição ( prisões e revistas no domicílio sem mandato de captura e buscas policiais, prisões preventivas sem culpa formada, provocações directas a transeuntes).

Esconde os factos, silencia mesmo a sua imprensa mais subserviente, deixa que o boato se espalhe, reserva a informação para os Órgãos da Administração. Em Coimbra 1969 a publicidade dos acontecimentos estava a cargo do M.E.N.. Em 1970, a quando do 9 de Maio, passou-se para o Comando da PSP, na sua missão de garantia da ordem pública, sem mais implicações. Agora está sozinho em cena o Governo Civil de Coimbra, objecto há bem pouco tempo de uma remodelação que o parece ter conduzido - a julgar pela linguagem que utiliza e número de ordens dos decretos invocados - aos bons velhos tempos dos anos 30. Coisas de "Estado Social"...

Esta prática que leva o Governo a "abandonar" os seus auxiliares na Universidade (com o M.R. a autorizar o que o Governo proíbe - Assembleia Magna, Mesa Redonda sobre Reforma e Universidade), recorrendo aos seus directos representantes políticos, e portadores da autoridade máxima e, sem reboços nem pruridos de captação da simpatia política dos meios "progressistas" da população, modo bem a distância entre a realidade essencial, e a demagogia açucarada da "máxima autonomia para as Universidades" da "Proposta" do Veiga Simão.

Que nos diz pois esta nota do Governo Civil, senão que se procura fazer crer à opinião pública no espantelho dos agitadores, agora "clandestinos!" urdindo manobras anti-nacionais, infringindo os preceitos de um Decreto ad-hoc ressuscitado

das cinzas em que as necessidades da demagogia o tinham enterrado? - A Assembleia magna, plenário dos Estudantes de Coimbra a que o Reitor se dirigiu antes da sua tomada de posse é declarada ilegal, pois é feita com a presença de Estudantes e outras pessoas não sócios da A.A.C. !!! . Pelo caminho, qualifica-se de "injustificável" a solidariedade que se reconhece embora generalizada no sector estudantil, aos colegas presos - solidariedade do grupo a mais imediata e legítima, mas que a todo o custo tem que se por sobre: quando de toda a parte essa solidariedade se evidencia, e, em relação ao "caso" mais explorado, o próprio M.R. se tendo o ano passado apressado a aceitar ser testemunha abonatória do colega Sabrosa, tendo-nos na AAC confirmado essa sua atitude, na entrevista de quarta-feira, 17 de Fevereiro. Entretanto ataca o Governo da forma mais violenta a AAC e as reuniões de estudantes - até um colóquio para a discussão da reforma do ensino, com Professores e estudantes, autorizado e apoiado pelo M.R., é proibido; e fazem-se as mais tenebrosas especulações sobre as "actividades" dos estudantes...

Mas o Movimento Associativo é um movimento legal. Alvos de perseguições, os representantes eleitos dos estudantes encontram-se ilegalmente presos, ou junto de les, com eles lutando pelas suas justas exigências:

- LIBERTAÇÃO DOS COLEGAS PRESOS
- ABERTURA DA A.A.C. E RESTITUIÇÃO DO MATERIAL RETIRADO
- LIBERDADE DE REUNIÃO, DISCUSSÃO E INFORMAÇÃO

Fazem-no à luz do dia (de um dia para o outro qualificada de "clandestinidade") - pois não é o tom ameaçador das notas officiosas que os fará calar; porque só conhecem um senhor: a voz colectiva dos estudantes, as suas deliberações em A.A.

## II - O MAGNÍFICO REITOR PARTE PARA INGLATERRA

Inesperadamente, o Magnífico Reitor parte para Inglaterra. Depois do nove de Maio, quando os acontecimentos estavam bem acesos e em absoluto pendentes, a Bélgica serviu de refúgio. Foi agora visitar as "Universidades novas" inglesas. A reforma serve para tudo, no ano da graça de 1971: para convencer os "pobres" ouvintes do R.T.P. de que o problema nº 1 do nosso País é o da Educação, grave nas "soluções" isoladamente e em abstracto; para, no seu "reformismo" também abstracto nas suas formulações, mas bem concreto nas suas finalidades, omissões e inviabilidades auto-conscientes, tentar passar momentaneamente para segundo plano a face policial do regime - e mais à vontade desencadear uma ofensiva total - espécie de solução final - contra as organizações estudantis. Serve agora para afastar o Magnífico Reitor de Coimbra, pô-lo a viajar bem longe desta "instituição hipócrita e acobardada que a história severamente julgará" - pois ninguém pode por honestamente em dúvida que à Universidade não é "dado exprimir o que realmente sente, na gama vasta de opiniões que sempre há-de caracterizar - felizmente - a pluralidade dos seus membros" (sic, entrevista do Magnífico Reitor ao PBX, aliás na linha de variadas declarações suas em oportunidades múltiplas, não só públicas como bem solenes e ressonantes ...)

Afastado de Coimbra, o Reitor encontra-se demitido, de facto, do seu cargo. Sem a coragem de definir claramente a sua situação de direito, nem o regime em que afinal vive - o que dá lugar a todos os rumores, vindos até do insuspeito sector

magistral, acerca da sua efectiva renúncia, adiada ou disfarçada, por sugestão feita pelo M.E.N. e pelo Magnífico Reitor accito, da viagem a Inglaterra. Quem não manda também na Universidade é a Senhora Vice-Reitora (o que veremos bem expresso na sua resposta sobre o colóquio que mais uma vez lhe é pedido seja autorizado em qualquer Faculdade...). No entretanto, o Senado reúne, a policia continua a prender, os Directores da Faculdade a proibir, todos em conjunto (Vice-Reitora incluída) a impedir a Assembleia Magna. Sobre a data do regresso do Magnífico Reitor, as "previsões" são contraditórias. Funcionários da Reitoria respondem que em terços de 10 a 12 dias; a Senhora Vice-Reitora espera-o para muito poucos dias ...

Quem não pode esperar são os colegas presos. Quem não pode esperar é a Académia ultrajada, é a nossa voz solidária, selvaticamente reprimida...

### III - MAIS PRISÕES

No seguimento da criminoso actuação policial na Universidade de Coimbra foram, na passada sexta-feira, presos mais 4 estudantes: Fernanda Mateus, Jorge Seabra, Emília Ralha e Marcelo Ribeiro. Foi também preso Celso Afonso, comerciante, que, encontrando-se na Baixa na altura da distribuição do comunicado à população, foi preso pela PIDE-DGS, não se sabe também porque motivo (o Celso Afonso é cunhado do Carlos Fraião, Presidente da A.A.C.).

O Governo continua apostado em, por todos os meios liquidar o M.Associativo.

Não o conseguiu até agora: com todas as dificuldades, o Movimento dos estudantes de Coimbra continua....

Em o conseguirá jamais - Não é qualificando de "injustificada" a solidariedade que irrompe massiva, nem tentando agitar o espantinho dos agitadores, agora clandestinos, depois de ontem legalmente reconhecidos, que se romperá e destruirá a unidade activa de todos os estudantes em torno das suas reivindicações fundamentais.

### IV - CHAMA-SE A ATENÇÃO

Chama-se a atenção de todos os colegas para os três últimos comunicados - 16, 17, 18 - em que se dão informações sobre os factos de maior relevância no decorrer da crise aberta com os sucessivos ataques à A.A.C., com as prisões arbitrárias de estudantes e as insólitas proibições das suas reuniões, bem como das sucessivas declarações aos estudantes do Magnífico Reitor e até de outras autoridades não académicas...

Do último, nº 18, se transcreve o que continua a ser plenamente válido quanto às medidas conjuntas das autoridades e da política repressiva governamental, o sobretudo se conclui da resposta necessária dos estudantes à ofensiva contra o M.A., no momento que atravessamos:

"O M.R., arreastado pelos estudantes, a partir da reunião de sábado 13/2, vê-se obrigado a aceitar os nossos pontos reivindicativos, se bem que não dando resposta precisa a nenhum deles, à espera de contactos inter-ministeriais...

As diversas autoridades, umas pelas outras "acusadas" de interferirem na questão, até negando a autoria própria de medidas repressivas sofridas pelos estudantes. O Governo procura reprimir, mas tanto quanto possível desonerando da repressão as autoridades que convém preservar.

Essa tática é, contudo, desmascarada pela luta dos estudantes: e as autoridades governativas ligadas à Universidade têm que se sujeitam a um desprestígio da sua própria posição de autoridades, o que é um custo grande para o Governo; o Professor Gouveia Monteiro já não é o "homem de antes quebrar que torcer" capaz de satisfazer mesmo o mínimo das nossas exigências, cativando para o M.E.N. as simpatias

dão "maiores silenciosas"...

Só nós, os estudantes, poderemos obrigar o Reitor (?) e o MEN à normalização da vida associativa e universitária. Quando a isso renunciássemos, jogando-nos nas contraditórias exigências que a solução da crise impõe ao Governo, em vez de jogarmos com elas, o máximo que as autoridades poderiam seria apenas a base conveniente do que ~~possam~~ partir para a subjugação definitiva do M.E."...

.... "Não acreditando em conversas de gabinete entre autoridades que os querem ligar (de forma pacífica e hábil, ou violentamente, segundo a divisão do trabalho governativo, ou as necessidades políticas próprias para cada "sector" da administração) enquanto força autónoma e organizada, os estudantes apresentam à cua ta de uma longa experiência que só o vigor da sua unidade e a sua organização na lu ta podem fazer recuar a repressão governamental. Na hora grave que vivemos não há lu gar para hesitações tibiezas.

A abertura imediata da A.A.C., a libertação de todos os colegas presos, a permanente conquista do direito de livre reunião e discussão, apenas depende da nossa capacidade organizativa, da firmeza da nossa luta. Organizar-nos a todos os níveis, realizar reuniões de curso e de Faculdade, reforçar as Juntas de Delegados, promover ampla informação e debate sobre os últimos acontecimentos, são tarefas urgentes a executar."

V - DADA A INTERVENÇÃO POLICIAL NA A. MAGNA, convocada para as 12h de sexta-feira, com a recusa das autoridades académicas, informada pela Vice-Reitora, em abrir a Porta Férrea, a Direcção-Geral faz suas, transformando-as em palavras de ordem a executar, as propostas que a reunião Inter-Juntas decidiu levar à A. Magna, publicadas em documento lá distribuído, e aqui transcritas, embora sem os considerandos:

#### PROPOSTA I

"Propõe-se que se marque para uma instalação universitária uma Mesa Redonda sobre REFORMA E UNIVERSIDADE;

A DG da AAC proceda aos contactos necessários para tal iniciativa;

Sejam convidados (através dos meios que o M.R. pôs à disposição da DG da AAC) todos os professores e assistentes da universidade

NOTA: A Vice-Reitora informou-nos de que não se julga em condições de dar qualquer resposta quanto à realização deste colóquio, pelo que teríamos que aguardar o regresso do M.Reitor!

#### PROPOSTA II

"Concentração da Academia nos Gerais logo após a chegada do M.R. de Inglaterra exigindo-se-lhe uma clara tomada de posição!"

Defendamos os nossos colegas presos, demonstrando a nossa força, mostrando, organizadamente, a falsidade das alegações governamentais.

Em Coimbra os estudantes estão unidos - nem a repressão mais violenta impedirá que "a injustificável solidariedade" se continue a mostrar à luz do dia como naíva luta pelas nossas justas reivindicações. Os estudantes de Coimbra estão unidos, Contra esta unidade nada podem as manobras do MEN, as ausências do M.R., Professor Couvêa Monteiro; e muito menos as prisões e as grades de Caxias.

A DIRECÇÃO GERAL DA  
ASSOCIAÇÃO ACADÉMICA DE COIMBRA